
POR UMA PEDAGOGIA DA DIFERENÇA: PAULO FREIRE E HOWARD GARDNER EM DIÁLOGO

For a Pedagogy of Difference: Paulo Freire and Howard Gardner in dialogue

UZIEL ANANIAS SANT'ANA ALMEIDA

Licenciatura em Pedagogia. Polo Juiz de Fora

Resumo: O presente trabalho tem o objetivo de analisar dialogicamente parte da obra de dois autores relevantes na área da Educação. O tema da pesquisa se encontra nos conceitos principais da proposta pedagógica de Paulo Freire e a Teoria das Múltiplas Inteligências de Howard Gardner. Nesse sentido, pretende-se analisar os textos originais desses autores, no intuito de realizar uma síntese que resulte em uma nova proposta pedagógica. O ponto de partida para tal análise são os conceitos de autonomia, tanto do educando quanto do professor e o direito à diferença. Tal direito é aqui entendido de forma mais ampla que o conceito de diversidade, entendendo que são os processos pedagógicos que precisam se adequar ao educando, e não o oposto. Sendo assim, a Teoria das Múltiplas Inteligências é o a impulsionadora dessa visão, ao mesmo tempo em que as propostas pedagógicas de Paulo Freire, se complementam, ao propor a autonomia do educando e do educador no processo de ensino-aprendizagem. Nessa perspectiva, o direito à diferença deve estar presente no âmbito escolar, visto que para que a Educação seja de fato uma prática de liberdade, os atores envolvidos nesse processo precisam se reconhecer e serem reconhecidos em suas subjetividades.

Palavras-chave: Paulo Freire. Howard Gardner. Autonomia do educando. Processo Ensino-Aprendizagem. Direito à Diferença.

Abstract: The present work has the objective of dialogically analyzing part of the work of two relevant authors in the field of Education. The theme of the research is found in the main concepts of Paulo Freire pedagogical proposal and Howard Gardner's Theory of Multiple Intelligences. In this sense, we intend to analyze the original texts of these authors, with the intention of making a synthesis that will result in a new pedagogical proposal. The starting point for this analysis are the concepts of autonomy, both for the student and the teacher, and the right to difference. This right is understood here in a broader way than the concept of diversity, understanding that it is the pedagogical processes that need to be adapted to the learner, and not the opposite. Thus, the Theory of Multiple Intelligences is the driving force behind this vision, while Paulo Freire's pedagogical proposals complement each other by proposing the autonomy of the learner and the educator in the teaching-learning process. From this perspective, the right to difference must be present in the school environment, since for Education to be a true practice of freedom, the players involved in this process need to recognize each other and their subjectivities.

Keywords: Paulo Freire. Howard Gardner. Autonomy of the learner. Teaching-Learning Process. Right to Difference.

ALMEIDA, Uziel A. Sant'Ana. Por uma Pedagogia da Diferença: Paulo Freire e Howard Gardner em Diálogo. Educação Sem Distância, Rio de Janeiro, n.5, jan./jun. 2022.

1. Introdução

No ano de 2021 foi comemorado o centenário do nascimento de Paulo Freire, o patrono da Educação Brasileira (BRASIL, 2012). Um dos mais proeminentes educadores brasileiros, com destaque internacional, Freire elaborou uma proposta pedagógica que coloca o educando no centro do processo de ensino-aprendizagem. Ao partir do pressuposto que o ato de educar consiste em um processo dialógico e que é por si mesmo político, Freire revolucionou a maneira como a Educação até então era compreendida.

Ao apresentar a Educação como um ato político, Freire reconhece que todo o processo de ensino-aprendizagem não ocorre de forma isolada. Nesse sentido, tal processo possui uma relação simbiótica com todos os personagens e contextos envolvidos. Partindo da superestrutura que abrange o contexto maior, onde são elaboradas políticas educacionais, até a subjetividade do educador e do educando, a Educação é um círculo no qual todos exercem um papel. Nessa perspectiva, não há como o processo de ensino-aprendizagem acontecer sem influenciar e ser influenciado pela sociedade como um todo, independentemente de onde esse aconteça.

A inovação na teoria de Paulo Freire repousa justamente no aspecto supracitado. Ao considerar a Educação como um ato político que não ocorre de forma isolada da sociedade como um todo, e que portanto é permeado de decisões e omissões baseadas em valores e subjetividades dos personagens envolvidos no processo, Freire reconhece portanto que o próprio educando também possui parte ativa nesse contexto. Sendo assim, Freire coloca o educando no centro do processo de ensino-aprendizagem ao propor que as práticas didáticas devem ser planejadas e executadas levando em consideração a realidade desse e suas subjetividades, de forma que o tal processo seja dotado de sentido para o educando.

Dessa forma, Freire desloca do centro do processo de ensino-aprendizagem o professor, que nos modelos tradicionais tecnicistas da Educação eram vistos como únicos ‘detentores’ do conhecimento, sendo o seu papel baseado em um processo de transmissão dos conhecimentos, cabendo aos educandos apenas assimilar tais conhecimentos transmitidos, o que Freire denominou de “educação bancária”. Nesse tipo de ‘educação’ o processo de ensino-aprendizagem não se mostra produtivo para o educando, visto que este, ao não ter sua subjetividade considerada no processo, tem dificuldade em reconhecer de que forma o que é ensinado pelo professor é importante para si, o que muitas vezes resulta em altos índices de fracasso escolar.

Na proposta de Freire, o professor deixa de ser considerado como o ‘astro’ no qual o processo de ensino-aprendizagem orbita, e passa a ser reconhecido por aquele que é seu verdadeiro papel, que é o de mediador. Ou seja, ao agir como mediador do processo de ensino-aprendizagem, o educador auxilia o educando a encontrar seu próprio ritmo na trilha da aprendizagem, tornando a Educação um processo prazeroso e produtivo, dotado de sentido, ao mesmo tempo em que se mostra um processo dialógico. Dialógico no sentido em que, conforme Freire mesmo afirmou, ambas as partes, educador e educando absorvem novos conhecimentos, ao participarem de novas experiências.

Todo processo de ensino-aprendizagem, ao partir da realidade do educando, levando em consideração suas subjetividades, experiências e vivências, esbarra na diversidade presente nesse processo. Nesse sentido, não basta apenas o educador reconhecer o educando como sujeito também responsável por sua aprendizagem, mas de compreender a diversidade presente na sua individualidade. Ou seja, é preciso entender que da mesma forma como nenhum aluno é igual a outro, cada um possui aspectos de sua personalidade que devem ser considerados quando da elaboração de práticas pedagógicas por parte do educador.

Na esteira desse pensamento, outro teórico que muito contribuiu para aprimoramento de práticas educativas voltadas para o educando, é Howard Gardner com a “Teorias das Múltiplas Inteligências”. Esta Teoria reconhece que existem vários tipos de inteligência (a princípio 7, após foram atualizadas para 9), sendo que cada indivíduo desenvolve uma em maior grau que outra, ou mesmo mais que uma podem se mostrarem presentes de forma aprimorada, porém ninguém desenvolve todas ao nível máximo de uma só vez. Nessa perspectiva, Gardner assim como Freire reconhece a subjetividade do educando como parte importante no processo de ensino-aprendizagem, visto que ao reconhecer que cada um possui um tipo de inteligência em maior grau que outra, cada educando percorre a trilha de aprendizagem em um ritmo diferente, utilizando-se de subsídios cognitivos relacionados a inteligência predominante.

Gardner, com sua “Teoria das Múltiplas Inteligências” da mesma forma que Freire, revolucionou e quebrou paradigmas no campo da Educação. Principalmente no que se refere ao conceito de inteligência, visto que durante muito tempo, algumas formas de conhecimento eram consideradas mais importantes que outras. Testes como o de Quociente Intelectual(QI), levavam em consideração apenas conhecimentos relacionados ao raciocínio lógico-matemático e de linguagens, e aqueles que não conseguiam desenvolver tais conhecimentos de forma satisfatória eram taxados como “pouco inteligentes”. Nesse sentido, Gardner parte do pressuposto de que a inteligência não pode ser medida por parâmetros rígidos como o teste de QI, que não levam em conta outros aspectos da personalidade do indivíduo.

Nesta perspectiva, reconhece-se que o aluno que não desenvolve com excelência o domínio da Matemática, não é um ‘mau aluno’, assim como o que não possui habilidade para se expressar bem de forma escrita. Ou seja, o objetivo principal de se reconhecer que existem mais de um tipo de inteligência, e que cada indivíduo apresenta uma de forma mais aprimorada que outra, pressupõe que não é o educando que precisa se adaptar ao processo de ensino-aprendizagem, mas tais processos que precisam ser readequados levando em consideração os vários aspectos de sua personalidade. Ou seja, o educador precisa ter ciência da diversidade presente no contexto escolar, no qual cada educando possui personalidade própria e diferente dos demais, assim como a multiplicidade de inteligências de cada um. Sendo assim, é preciso elaborar práticas pedagógicas que levem em conta essa variedade, para abranger todos os alunos de forma que estes consigam aprender, cada qual no seu ritmo próprio. Nesse sentido, a Teoria das Múltiplas Inteligências de Gardner dialoga diretamente com a proposta pedagógica de Freire, principalmente no que se refere ao reconhecimento da subjetividade do educando e da sua autonomia do processo de ensino-aprendizagem.

Nessa perspectiva, o presente trabalho consiste em uma análise dialógica entre a Teoria de Howard Gardner e a proposta pedagógica de Paulo Freire, de forma a elaborar

uma síntese que contribuam na formulação de novas práticas pedagógicas que levem em consideração a diversidade presente em nossa sociedade, de forma a contribuir para a melhoria desta pela via da Educação.

1.1. Justificativa

O tema abordado no presente trabalho se mostra relevante por tratar de um tema que pode impactar o contexto escolar. Autonomia, tanto a do educando quanto a do educador, deve ser um dos pilares para uma Educação de fato democrática. Porém, não é o que se verifica na nossa realidade. Sendo assim, este trabalho visa contribuir, abrindo novas janelas ao propor uma análise dialógica entre dois autores de grande importância na área da Educação.

Tanto Paulo Freire quanto Howard Gardner se empenharam em descobrir práticas pedagógicas renovadas. O primeiro ao partir do pressuposto de que todo ato educativo é um ato político, no sentido etimológico deste termo, e o segundo por ter como ponto de partida a diferença inerente a cada ser humano. Assim sendo, autonomia, liberdade e o direito à diferença, são palavras chaves quando as obras desses dois pesquisadores são analisadas em conjunto. É essa análise a que esse trabalho se propõe, mas não no intuito de esgotar tal tema, e sim contribuir para que novas pesquisas possam ser feitas.

1.2. Objetivos

Geral:

- Realizar uma análise dialógica entre as propostas pedagógicas de Paulo Freire e a Teoria das Múltiplas Inteligências de Howard Gardner, de forma a encontrar pontos de convergência que possam contribuir com novas propostas de práticas pedagógicas.

Específicos:

- Analisar obras escritas desses dois autores;
- Elencar pontos de convergência;
- Realizar uma síntese desses pontos;
- Contribuir com ideias de práticas pedagógicas.

1.3. Organização do Trabalho

O presente trabalho aborda aspectos referentes as teorias propostas por Paulo Freire e Howard Gardner. Nesse sentido, o referencial teórico trata de pontos convergentes entre pontos centrais das obras dos referidos autores, fazendo a conexão entre tais pontos e o contexto atual. Nessa perspectiva, no próximo tópico serão tratados aspectos como diversidade, direito à diferença, autonomia do educando e do educador, tendo como ponto de partida as obras de Paulo Freire e Howard Gardner aplicadas aos dias de hoje, no cenário do atual sistema capitalista, no qual a Educação está inserida como um todo.

2. Referencial Teórico

Vivemos atualmente em um mundo complexo, e em certa medida caótico. O processo de Globalização que teve início ainda no século XX, encurtou as fronteiras entre as diversas partes do Globo, ao mesmo tempo em que aumentou a distância entre nós mesmos. Conforme Anthony Giddens aponta, houve uma separação entre tempo e espaço, no qual a presença física deixou de ser o quesito primordial para o reconhecimento de um lugar (GIDDENS, 1991). Isto é uma das consequências do advento da Modernidade, conforme este autor aponta, inclusive no próprio título de sua obra. Ao mesmo tempo em que as distâncias se encurtam, as certezas se tornam mais frágeis, naquilo que Bauman (2001) chamou de “Modernidade Líquida”, onde a mudança é uma constante, e a incerteza é a única verdade possível.

Se a ideia de "sociedade aberta" era originalmente compatível com a autodeterminação de uma sociedade livre que cultivava essa abertura, ela agora traz à mente da maioria de nós a experiência aterrorizante de uma população heterônima, infeliz e vulnerável, confrontada e possivelmente sobrepujada por forças que não controla nem entende totalmente; uma população horrorizada por sua própria vulnerabilidade, obcecada com a firmeza de suas fronteiras e com a segurança dos indivíduos que vivem dentro delas - enquanto é justamente essa firmeza de fronteiras e essa segurança da vida dentro delas que geram um domínio ilusório e parecem ter a tendência de permanecer como ilusões enquanto o planeta for submetido unicamente à globalização negativa. (BAUMAN, 2007, p.13)

E de fato, a crescente e constante evolução das chamadas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) que teve início no final do século XX foi responsável pela quebra de diversos paradigmas em várias áreas. Hoje a informação viaja na velocidade da luz, e o que acontece do outro lado do planeta é relatado em tempo real no extremo oposto da Terra, o que, no entanto, não justifica acreditar que ela seja plana. Mas não é esse o tema a ser abordado aqui.

Tanto o processo de aprimoramento dessas Tecnologias da Informação e Comunicação como o processo de Globalização são parte do mesmo sistema, que é o sistema capitalista. Não cabe aqui julgar quem veio primeiro, se o ovo ou a galinha. Foi um múltiplo processo. Ao mesmo tempo em que o sistema capitalista se expandia pelo mundo, impulsionado pela queda da União das Repúblicas Socialista Soviéticas (URSS), o processo de globalização ganhava força, assim como novas tecnologias surgiram tanto para acompanhar essa expansão do sistema, como para tornar tal expansão possível.

Esse processo, porém, não poderia se dar sem causar efeitos colaterais, tais como o agravamento da desigualdade, em todas as suas formas, ao redor de todo o planeta. Em certa medida, alguns teóricos afirmam que o próprio sistema capitalista se encontra em crise, o que não é de todo errôneo, mas além da crise do sistema, o que se encontra em crise também é o próprio ser humano. Isso é mais simples de ser verificado. Stuart Hall, brilhantemente demonstrou esse processo, naquilo que ele denominou de “modernidade tardia” (HALL, 2006). Em sua obra ele abordou a “crise de identidade” na qual o ser humano se encontra:

[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada "crise de

identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referências que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2006, p.7).

Essa crise de identidade é perceptível, porém levanta algumas questões. A principal delas a meu ver, parte do pressuposto que o homem de fato nunca foi um ser unificado, pelo contrário, essa foi sempre a ideia que o ser humano sempre teve de si mesmo. Uma visão, porém, que nem sempre condiz com a realidade. Não é coincidência que Hall (2006) tenha situado essa crise com o advento da Modernidade, ao mesmo tempo em que o sistema capitalista se expandia de forma eficiente e eficaz como nunca antes. Isso porque nesse sistema, principalmente quando consideramos as ideologias liberais e neoliberais, a individualidade é sempre incentivada, isso quando não é exigida.

Nesse sentido, ao propor uma individualidade exacerbada, o sistema age para suprimir a diferença em prol do desenvolvimento do próprio sistema. Aqueles que não se encaixam nos padrões estabelecidos são colocados à margem do sistema, e excluídos direta ou indiretamente. Outsiders excluídos diretamente e colocados à margem do sistema, são mais fáceis de perceber, principalmente no nosso país. Basta sair às ruas para nos depararmos com esses que foram usurpados do direito de terem direitos. Mas a exclusão indireta daqueles que não se encaixam nos padrões de individualidade imposto pelo sistema é mais sutil. É uma linha tênue, quase imperceptível.

Diferentemente dos primeiros excluídos, estes últimos não necessariamente se encontram nas ruas, passando necessidades, sendo ignorados pelo Estado e colocados à margem do sistema. Não. Os excluídos indiretamente são em certo sentido a maioria, e se encontram em todos os lugares. Nos supermercados, nos shoppings, nas Universidades, nas escolas. Esses são aqueles que têm empregos comuns, mas que na visão individualista do sistema capitalista são incapazes de obter sucesso. São “fracassados”.

Essa é a outra face, talvez a mais perversa do sistema capitalista. A individualidade que nos é imposta, traz em seu seio a ideologia da meritocracia, que nos diz que somos responsáveis pela nossa exclusão do sistema pelo próprio sistema. É ela que nos diz que nosso sucesso depende de nós mesmos, e que se não o alcançamos é porque somos ineficientes, afinal, a sobrevivência cabe aos mais fortes apenas. É essa ideologia mesquinha e infeliz que Sandel (2020) brilhantemente refuta em sua obra.

Essa forma de pensar está entranhada em nossa sociedade, infelizmente. Há uma tendência em se valorizar algumas formas de conhecimento em detrimento de outros, tal como a Matemática e demais Ciência Exatas. As Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, no entanto, são vistas como desnecessárias, sem utilidade para uma sociedade materialista e utilitarista. E isso impacta diretamente na forma como o nosso sistema educacional funciona.

Nessa perspectiva, nessas disciplinas são ministrados conteúdos que muitas das vezes são desprovidos de sentido para o educando, negligenciando completamente o seu papel no processo de ensino-aprendizagem, tolhendo sua autonomia e liberdade, sendo que era para ser ele o protagonista desse processo.

Não há conhecimento se da sua prática não surge a ação consciente dos oprimidos, enquanto classe social explorada, na luta pela sua libertação. Por outro lado, ninguém conscientiza ninguém. O educador e o povo conscientizam-se através do movimento dialético entre a reflexão crítica sobre a ação interior e a ação subsequente no processo daquela luta. (FREIRE, 1977, p.118).

Mas não cabe colocar a culpa nos professores apenas. Seria demasiado simples fazer tal afirmação, mas esse é justamente o tipo de argumento utilizado pelos adeptos da lógica meritocrática supracitada. Assim como os educandos, os educadores também têm a sua autonomia cerceada, visto que sofrem pressão de ambos os lados. Principalmente no que diz respeito as avaliações externas realizadas pelo Governo Federal, tão como as do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), que faz com que os professores apresentem aos alunos os conteúdos “importantes” que serão avaliados nas provas.

Na contramão desse sistema, que prioriza a individualidade extrema e o pragmatismo em relação ao conhecimento, as propostas de Paulo Freire e de Howard Gardner sugerem novas maneiras de se pensar as práticas pedagógicas no processo de ensino-aprendizagem. Em relação aos padrões supracitados, que agem de forma a deslocar o educando do centro do processo de ensino-aprendizagem, de forma a torná-lo mero espectador nesse processo, Freire (2009), já apontava o caminho que o educador deveria trilhar, ao agir como mediador nesse processo, de forma a propiciar uma educação “crítica e criticizadora”.

De uma educação que tentasse a passagem da transitividade ingênua à transitividade crítica, somente como poderíamos, ampliando e alargando a capacidade de captar os desafios do tempo, colocar o homem brasileiro em condições de resistir aos poderes da emocionalidade da própria transição. Armá-lo contra a força dos irracionalismos, de que era presa fácil, na emersão que fazia, em posição transitivante ingênua. (FREIRE, 2009, p.86).

Freire (2015) destacou a primazia da autonomia no processo de ensino-aprendizagem dos educandos. É preciso reconhecer o papel deste na sua trilha em direção ao conhecimento. Desta maneira, cabe ao educador auxiliá-lo nessa caminhada, e não impor novos obstáculos. Nessa visão, o educador é entendido como um mediador no processo de aquisição do conhecimento por parte do educando, e não um transmissor de conhecimento apenas. É necessário que as práticas pedagógicas elaboradas pelo professor levem em consideração o contexto dos alunos, assim como os conhecimentos que estes já possuem antes mesmo de adentrar no ambiente escolar.

Na esteira desse pensamento, é preciso que o educador não apenas identifique os conhecimentos prévios dos alunos, mas que os reconheça em suas subjetividades, visto que ninguém é igual a ninguém, e não existe o “aluno perfeito”. Reconhecê-los em suas subjetividades não é o mesmo que incentivar um individualismo exacerbado, na lógica meritocrática. É exatamente o oposto. É preciso reconhecer que cada educando possui o seu ritmo próprio de aprendizagem, portanto não cabe simplesmente cobrar da mesma forma todos os alunos.

Reconhecer essas subjetividades prescinde de compreender que cada educando possui uma maneira diferente de assimilar os conteúdos passados pelo professor, e que alguns podem assimilar certos conteúdos melhores que outros. É nesse ponto que a Teoria das Múltiplas Inteligências de Howard Gardner se encaixa. Ao apontar que não existe um conceito único de Inteligência, mas sim múltiplas formas desta, Gardner (1994) destaca a importância do direito à diferença por parte dos educandos. Conforme o autor mesmo aponta:

Ao escrever Estruturas da Mente busquei ultrapassar a noção da inteligência como uma capacidade ou potencial geral que cada ser humano possui em maior ou menor extensão. Ao mesmo tempo, questionei também a suposição de que a inteligência, independentemente de quão definida esteja, possa ser medida por instrumentos verbais padronizados como testes de respostas curtas realizados com papel e lápis. (GARDNER, 1994, p. ix).

É preciso, porém, distinguir entre aquilo que Ropoli et al (2010) chamam de “Escola das Diferenças e Escola dos Diferentes”. Não basta apenas reconhecer as diferenças dos alunos, mas é necessário readequar as propostas pedagógicas em favor dessas diferenças. Nesse sentido, um aluno que tem predominância da Inteligência Lógico-Matemática (GARDNER, 1994) terá mais facilidade com o conteúdo de Matemática, mas pode desenvolver mais lentamente o conteúdo das outras disciplinas. Da mesma forma, um aluno que desenvolveu a Inteligência Corporal-Cinestésica (GARDNER, 1994) mais do que outras, terá mais facilidade de assimilar o conteúdo se durante o seu aprendizado estiver em constante movimento. Nessa perspectiva, é preciso levar em consideração que o processo de ensino-aprendizagem se dá na relação do educando com o meio que o cerca, e conforme já demonstrou Vigotsky (2007) o social tem grande importância para o aprendizado.

Não cabe ao professor reproduzir em sala de aula a lógica do sistema capitalista, que é altamente excludente, conforme anteriormente citado. Não existe conhecimento “mais útil” que outro. Pelo contrário, toda forma de conhecimento que seja capaz de emancipar o ser humano é igualmente válida. Aliás, “Uma inteligência é a capacidade de resolver problemas ou de criar produtos que sejam valorizados dentro de um ou mais cenários culturais”.(GARDNER, 1994, p.).

Uma proposta nesse sentido se refere a forma como as avaliações são aplicadas aos alunos. Partindo do pressuposto que cada educando possui um ritmo diferente de aprendizagem, e que o educador deve ser o mediador do processo de ensino-aprendizagem, não cabe, em uma perspectiva progressista, aplicar os mesmos métodos a todos os alunos, de forma a homogeneizar esse processo. Dito isto, Perrenoud (1999) nos aponta a direção a seguir:

Enfim, a avaliação formativa se choca com a avaliação instalada, com a avaliação tradicional, às vezes chamada de normativa. Mesmo quando as questões tradicionais da avaliação se fazem menos evidentes, a avaliação formativa não dispensa os professores de dar notas ou de redigir apreciações, cuja função é informar os pais ou a administração escolar sobre as aquisições dos alunos, fundamentando a seguir decisões de seleção ou de orientação. A avaliação formativa, portanto, parece sempre uma tarefa suplementar, que obrigaria os professores a gerir um duplo sistema de avaliação, o que não é muito animador! (PERRENOUD, 1999, p.16).

Aplicar na prática tais conceitos, se mostra demasiado complicado, porém, cabe a nós educadores persistir nessa batalha por uma Educação que seja de fato democrática, libertária e emancipadora. Cabe a nós resistir a lógica do sistema capitalista neoliberal que insiste em mercantilizar a Educação, tornando-a desprovida de sentido, de forma a ser comercializada como um produto qualquer.

3. Metodologia

Este trabalho trata-se de uma revisão bibliográfica. Sendo assim, foram realizadas pesquisas e a leitura exaustiva das obras originais dos autores citados no texto. Foram utilizados livros físicos e em versão digital, os que se encontravam disponíveis na Biblioteca Virtual. Como ambos os autores escreveram suas obras a bastante tempo, foi dado prioridade para as versões atualizadas e revisadas de seus livros.

4. Considerações Finais

Vivemos em um mundo em movimento, no qual o constante e acelerada evolução das Tecnologias da Informação e Comunicação ditam as regras do jogo. Reafirmar isso não se trata apenas de uma redundância. Retomar esse ponto é essencial, principalmente em relação ao tema que foi abordado no presente trabalho, visto que tal evolução influencia diretamente nas práticas pedagógicas da Educação Básica, tanto pública como privada no nosso país.

Diante de tal cenário, cabe a nós, exercendo um papel de extrema importância na sociedade qual seja, o de educadores, mediar o caminho a ser percorrido por aqueles que se encontram no início de tal jornada: os educandos, alunos de nossa Educação Básica, que diante de tal ambiente mediado por amplas oportunidades, se encontram entorpecidos de informação, que em seu estado bruto necessita de mediação para ser metamorfoseado em conhecimento aplicável no mundo real.

Nesse sentido, tal papel de extrema importância que cabe a nós educadores desempenhar, necessita de um conhecimento ancorado na realidade, e para tal é necessário compreender alguns aspectos inerentes aos processos de ensino-aprendizagem no contexto atual, mediado pelas Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's), que no seu advento quebraram paradigmas até então consolidados em nossa sociedade, assim como na Educação em geral em todo o globo.

Nessa perspectiva, compreender a diversidade inerente à nossa sociedade e ao contexto educacional é de extrema importância. Mas não basta apenas compreender tal contexto, é imprescindível entender que tal contexto prescinde de uma postura completamente divergente com o que até então vem sendo praticada em nossa sociedade, principalmente no contexto educacional da Educação Básica, tanto de nossas Escolas Públicas como das Escolas Privadas.

Essa postura se refere ao reconhecimento do da autonomia do educando em relação aos processos de ensino-aprendizagem, assim como a autonomia do próprio educador nesse mesmo processo. Isso significa que não existem verdades absolutas, muito menos um conhecimento pronto, que apenas é disponibilizado para aqueles que desejam se apropriar do mesmo.

Muito pelo contrário, o conhecimento se encontra em constante atualização e aprimoramento, fato que exige uma postura responsiva daqueles envolvidos nos processos de ensino-aprendizagem, em ambos os polos, tanto de nós como educadores, como também de nossas crianças e adolescentes no papel de educandos.

Dito isso, cabe ressaltar o papel das obras de Paulo Freire - patrono da Educação brasileira, e Howard Gardner, tema principal do presente trabalho. Ambos os autores abordaram temas essenciais dos processos de ensino-aprendizagem, que são imprescindíveis no contexto atual, quais sejam, autonomia do educando e do educador, diversidade e o direito à diferença.

O direito à diferença tal como abordado pelos autores supracitados, compreende o respeito ao educando em sua subjetividade, o que pressupõe a valorização de suas particularidades pelo educador no que diz respeito à elaboração das práticas pedagógicas dos processos de ensino-aprendizagem.

No mundo atual onde o sistema capitalista, ao mesmo tempo em que preza pela liberdade, acaba privando a mesma em detrimento de padrões preestabelecidos, que ditam as regras tanto no contexto geral quanto no cenário educacional, o direito à diferença se revela como um pressuposto inerente à própria realidade da democracia. Nesse sentido, defender o direito à diferença se resume a reconhecer a alteridade frente a identidades, que no sistema atual resvalam na exigência de um padrão homogêneo que se mostra inexequível na realidade concreta.

Reconhecer o direito à diferença, no que diz respeito ao contexto educacional, se refere a compreender que cada educando naturalmente irá desempenhar melhor determinada característica, no que se refere as disciplinas padrões de acordo com a Base Nacional Comum Curricular, válida tanto para a Educação Básica pública quanto privada, na perspectiva da Teoria das Múltiplas Inteligências de Howard Gardner.

Dito isso, tanto as obras de Paulo Freire que pela Lei 12.612 foi declarado Patrono da Educação Brasileira, como a Teoria das Múltiplas de Howard Gardner, são de extrema relevância, visto que abordam esses aspectos, seja direta ou indiretamente. Ou seja, tais obras abordam os conceitos supracitados, que são requisitos para atuar num papel de educador que preza pela mudança do *status quo*.

Sendo assim, o presente trabalho demonstra sua relevância levando em consideração a análise das obras de Paulo Freire e Howard Gardner, que aplicadas ao contexto atual, se mostram extremamente importantes, principalmente se levado em consideração o sistema capitalista que desconsidera o direito à diferença, aspecto primordial quando se parte do pressuposto de uma sociedade democrática.

Nessa perspectiva, o presente trabalho, visando contribuir com novas pesquisas sobre a temática abordada, pretende contribuir a partir de uma perspectiva crítica, com o engajamento dos educadores em prol de uma Educação de fato democrática, que valorize os educandos em suas subjetividades. Nesse sentido, o direito à diferença é parte primordial dessa mudança, haja vista que não basta apenas reconhecer a diferença existente não apenas no contexto e cotidiano escolar, mas na nossa sociedade como um todo. É preciso garantir

ao outro o direito de se reconhecer e reafirmar nessa diferença. Aliás, é no contato com a alteridade, que a identidade se estabelece. Para podermos construir a nossa noção de 'Eu' é necessário que nos relacionamentos com o 'Outro', que por sua vez é diferente de nós mesmos. Essa relação dialógica é pressuposto da condição humana.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 258 p. ISBN 8571105987.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. 119 p. ISBN 978-85-7110-993-3.

BRASIL. Lei nº 12.612, de 13 de abril de 2012. **Declara o educador Paulo Freire Patrono da Educação Brasileira**. Brasília: Governo Federal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2012/lei/112612.htm. Acesso em: 24 abr. 2022.

FREIRE, Paulo. **A mensagem de Paulo Freire: teoria e prática da libertação**. (Textos de Paulo Freire selecionados pelo INODEP). Tradução: José Viale Moutinho. Porto: Nova Crítica, 1977. 155 p.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2009. 158 p. ISBN 9788577530205.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 51. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015. 143 p. ISBN 978-85-7753-163-9.

GARDNER, Howard. **Estruturas da Mente: A Teoria das Inteligências Múltiplas**. Tradução: Sandra Costa. Porto Alegre: ARTMED, 1994. 340 p. ISBN 85-7307-346-2.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da Modernidade**. Tradução: Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991. 177 p. ISBN 85-7139-022-3.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 104 p. ISBN 85-7490-402-3.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da Excelência à Regulação das Aprendizagens - Entre Duas Lógicas**. Tradução: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: ARTMED, 1999. 183 p.

ROPOLI, Edilene Aparecida et al. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: a escola comum inclusiva**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2010. 52p. v. 1. ISBN 978-85-60331-30-7. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7103-fasciculo-1-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 22 abr. 2022.

SANDEL, Michael J. **A Tirania do Mérito: o que aconteceu com o bem comum?**. Tradução: Bhuvi Libanio. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020. 322 p. ISBN 978-65-5802-002-8.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Orgs: Michael Cole et al. Tradução: José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 184 p. ISBN 978-85-336-2264-7.